

MARIA CATARINA ZANINI
HELION PÓVOA NETO
MIRIAM SANTOS
(organizadores)

Migrações internacionais



valores, capitais e
práticas em deslocamento

editora**ufsm**

Santa Maria, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Reitor	Felipe Martins Müller
Vice-Reitor	Dalvan José Reinert
Diretor da Editora	Honório Rosa Nascimento

Conselho editorial	Átila Augusto Stock da Rosa Doris Pires Vargas Bolzan Félix Alberto Farret Honório Rosa Nascimento Luiz Fernando Rabello Borges Maristela Bürger Rodrigues Milton Luiz Wittmann Rafael Lazzari Raquel Trentin Oliveira Renato Santos de Souza Sara Teresinha Corazza Shani Carvalho Ceretta
--------------------	--

Coordenação editorial	Maristela Bürger Rodrigues
Revisão de texto	Maristela Bürger Rodrigues e Hellen Mello Pereira
Projeto Graf. e Diagramação	Rita Motta - Ed. Tribo da Ilha
Capa	Ana Paula Almeida da Silva

M636 Migrações internacionais : valores capitais e práticas em deslocamento / Maria Catarina Zanini, Helion Póvoa Neto e Miriam Santos (organizadores). – Santa Maria : Ed. da UFSM, 2013.
192 p. : il. ; 21 cm

1. Demografia 2. Sociologia 3. Migração internacional 4. Migrantes 5. Cultura 6. Mobilidade social I. Zanini, Maria Catarina II. Póvoa Neto, Helion III. Santos, Miriam

CDU 314.74
ISBN 978.85.7391.191-6

Ficha catalográfica elaborada por Maristela Eckhardt CRB-10/737
Biblioteca Central - UFSM

Direitos reservados à

editoraufsm

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
Prédio da Reitoria, Campus Universitário
Camobi – 97119-900 – Santa Maria, RS
Fone/Fax: (055)3220.8610
e-mail: ediufsm@gmail.com / www.ufsm.br/editora

MITO DO SUCESSO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA, DEKASSEGUIE E O SONHO DA COMUNIDADE NIKKEI

Victor Hugo Kebbe
Igor José de Renó Machado

1 Kasato Maru

Em 1908 chegaria a Santos o navio Kasato Maru, reconhecido amplamente pela mídia nos dias de hoje como símbolo das relações entre Brasil e Japão, por ter trazido os primeiros imigrantes japoneses ao Brasil. O navio saiu de Kobe no dia 27 de abril daquele ano com 781 japoneses, em sua maioria originários de Okinawa e Kagoshima, e a viagem duraria 51 dias, marcando para sempre a historiografia da imigração japonesa para este país.

Numa percepção equivocada, como na experiência do Capitão Cook no Hawaii, explorada por Sahlins em *Ilhas de História* (SAHLINS, 1990), na chegada esses imigrantes se sentiram lisonjeados pela queima de fogos de artifício, na crença de que estariam sendo recebidos com festa no

Brasil. Porém, não sabiam que na verdade os fogos eram para as festas juninas daquele mês. Choque por parte da delegação brasileira também não faltou: outro evento bastante peculiar da chegada foi a reação das autoridades brasileiras ao fato de esses imigrantes comerem pratos brasileiros com “facilidade”. Não sabiam eles que a maior parte dos imigrantes do Kasato-Maru eram provenientes de Okinawa, região tropical com costumes alimentares bastante similares aos brasileiros (LESSER, 2000).

Vindos na presença de Ryu Mizuno, o “Pai da Imigração Japonesa”, um homem considerado “frio e de poucas palavras”¹ e que tinha se comprometido a realizar o suicídio *harakiri* para garantir aos governos japonês e brasileiro o sucesso da viagem, esses primeiros imigrantes viriam ao país para trabalhar nas fazendas de café do estado de São Paulo, que naquele período careciam de mão de obra na produção. Passaram primeiro pela Hospedaria de Imigrantes em São Paulo, para posteriormente serem colocados em trens que os levariam para as fazendas São Martinho, Fazenda Guatapará, Fazenda Dummont, Fazenda Canaã, Fazenda Floresta e Fazenda Sobrado.

Acreditando que o Brasil possuía muitas riquezas e oportunidades de ascensão socioeconômica, esses imigrantes esperavam juntar dinheiro em poucos anos para poder retornar ao Japão enriquecidos, esperança rapidamente frustrada, e tornou-se visível o descontentamento dessas pessoas com a longa viagem. A mídia especializada mostrou que esses primeiros obstáculos seriam superados com muita força, perseverança e trabalho por parte dos imigrantes, o que

¹ *Made In Japan*, ano 10, n. 114, p. 57, mar. 2007.

possibilitou o sucesso e a continuidade da imigração japonesa para cá por muito mais tempo. Vários outros navios vindos do Japão chegariam aos portos brasileiros, garantindo que se estabelecesse no país a maior comunidade de descendentes de japoneses fora da Terra do Sol Nascente.

Passadas as comemorações do Centenário da Imigração Japonesa, no ano de 2008, pretendemos neste capítulo² analisar como esse evento de grande importância para a história da imigração japonesa foi veiculado nos meios de imprensa especializados, a destacar o *Jornal Nippo-Brasil* e a Revista *Made In Japan*, publicações consideradas bastante representativas dentro da comunidade *Nikkei*, ou comunidade nipo-brasileira, e tomadas nesta análise como publicações reflexivas (KEBBE, 2011; SILVA, 2008; ZANINI, 2005), ou seja, capazes de permitir aos seus leitores – os imigrantes japoneses e seus descendentes – a possibilidade de confrontarem suas narrativas e percepções identitárias com as narrativas veiculadas em todas as páginas dessas publicações. Pretendemos, especialmente, contrapor os discursos de sucesso da migração japonesa para o Brasil com os discursos sobre o fenômeno *dekassegui*, sempre os colocando lado a lado, mas sob determinadas características que consideramos relevantes e sobre as quais nos deteremos ao final do texto.

Assim, tomamos como objeto de análise o *Jornal Nippo-Brasil*, que desde 1992, quando ainda se chamava *Notícias do Japão*, visava mostrar para a comunidade *nikkei* a situação dos primeiros *dekasseguis* e ainda trazer um pouco da

² Desdobramento de parte da argumentação defendida na pesquisa “Um jornal entre Brasil e Japão: a construção de uma identidade para ‘japoneses’ no Brasil e ‘brasileiros’ no Japão” como dissertação para a obtenção do título de Mestre de Victor Hugo Martins Kebbe Silva (ver SILVA, 2008; KEBBE, 2011).

“cultura japonesa” para a comunidade. Analisamos também a revista *Made In Japan*, publicação que desde 1997³ é vista pela comunidade *nikkei* como veículo-símbolo da “cultura japonesa”. Além de uma extensa análise textual de suas notícias e matérias veiculadas por mais de dois anos de acompanhamento, foi também realizado um estudo etnográfico em suas redações com o intuito de entender como estas mídias étnicas e seus produtores “pensam” a comunidade *nikkei* nos dias de hoje.

Presente na maioria das edições do *Jornal Nippo-Brasil* analisadas e também recorrentes na revista *Made In Japan* do ano de 2007, pudemos constatar um grande destaque dado ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, comemorado em 2008. Desde os seus preparativos, foi de fato um assunto de grande interesse não apenas da comunidade *nikkei* no Brasil como também de grande interesse dos governos brasileiro e japonês: com o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, Japão e Brasil se voltaram um ao outro de modo nunca antes visto, reacendendo também uma série de problemáticas concernentes ao estudo da “identidade nipo-brasileira”.

O evento foi amplamente veiculado em ambas as publicações, e a comunidade *nikkei* de fato quis ler sobre esse tema, tido no imaginário de imigrantes e descendentes como um momento mítico da comunidade que ilustrou o sucesso da imigração japonesa no Brasil nesses 100 anos. Símbolo da realidade de sucesso econômico e da mobilidade social dessas pessoas, cuja percepção valorizada da história dos primeiros imigrantes (ZANINI, 2005) passou a constituir, portanto,

³ Atualmente a revista é editada apenas *on-line*, com sua publicação impressa descontinuada.

uma narrativa comum às associações da comunidade *nikkei*, o centenário é um marco poderoso para pensarmos nessa “mitologia do sucesso”.

2 Mídias étnicas, imprensa reflexiva

Existe uma influência entre as narrativas da imprensa nas construções coletivas e, assim, na construção de identidades étnicas? Com esse questionamento, Zanini (2005) propõe a análise das relações entre os meios de comunicação e o processo de construção de identidades étnicas a partir leitura da telenovela *Terra Nostra*, da Rede Globo, realizando pesquisa etnográfica entre descendentes de italianos na região central do Rio Grande do Sul.

Para a autora, as identidades étnicas estariam sempre em uma relação com os meios de comunicação, em especial a televisão, possibilitando assim a contínua renegociação de identidades: os receptores dessas mensagens, longe de ser passivos, realizariam “leituras culturalmente mediadas, partindo de sua condição de classe, étnica, familiar, religiosa etc.” (ZANINI, 2005, p. 703), meios *reflexivos* pelos quais os indivíduos que estão em contato com essas narrativas podem, nesse processo dinâmico, reavaliar suas próprias identidades.

Tal percepção foi possível graças à leitura etnográfica realizada pela pesquisadora entre descendentes de italianos no Rio Grande do Sul, na qual percebeu descontinuidades entre o discurso que é transposto pela telenovela e os discursos locais: apesar de a novela ter proporcionado diversas emoções ou sentimentos, como orgulho e rememoração das origens da imigração italiana no Brasil, não conseguiu, segundo alguns

dos entrevistados, exprimir várias das características dessa imigração presentes nas memórias desse coletivo (ZANINI, 2005). Essas memórias configuram uma ideia de trajetória desses primeiros imigrantes que entendemos em alguma medida como mítica.

Tal trajetória mítica da imigração original e dos primeiros imigrantes foi também rapidamente percebida pela imprensa étnica *nikkei*, exibida em inúmeras páginas do *Jornal Nippo-Brasil* e da revista *Made In Japan* – em especial nos variados cadernos e matérias voltados unicamente ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. Muitas vezes se transmitiu a ideia de que o “resgate” a determinados símbolos e narrativas da imigração original estavam fortemente presentes nos discursos acerca de uma “identidade nipo-brasileira” contemporânea. Ou seja, para esses produtores, editores, jornalistas, parte do que se pensa sobre a identidade da comunidade *nikkei* atualmente é, sem sombra de dúvidas, atrelada à uma imagem positiva da imigração japonesa e das relações entre Brasil e Japão (KEBBE, 2011; TSUDA, 2000, 2003a, 2003b; SILVA, 2008) já iniciada em 1908, com a vinda do Kasato Maru.

Desse modo, temos como ponto de partida a ideia de que os meios de comunicação produzidos para a comunidade *nikkei* – o *Jornal Nippo-Brasil* e a Revista *Made In Japan* – também podem ser encarados como *reflexivos* na construção da identidade étnica “nipo-brasileira”: numa relação bastante complexa, a seleção de suas pautas editoriais evidentemente passa pelo crivo do que a comunidade *nikkei* deseja ler.

Por outro lado, não podemos desconsiderar o *modus operandi* da construção de uma publicação jornalística em si, que, seguindo um código específico até mesmo na organização

e veiculação de notícias, influencia marcadamente determinados símbolos de uma “cultura japonesa” idealizada. Segundo Leão Pinto Serva (SERVA, 1997), a *missão* do jornalista, em especial do editor-chefe de uma publicação, é de ser sensível às vicissitudes do cotidiano que podem ser consideradas “notícia”, organizar e dispor as notícias dentro de um esquema lógico e coerente para ser apresentado aos leitores, ou seja, colocar “ordem ao caos” (SERVA, 1997). Essa questão nos será importante para pensarmos, mais à frente, sobre a construção e valorização da trajetória desses primeiros imigrantes japoneses a partir da maneira como ela é vista pela imprensa.

* * *

Verificados por ampla literatura, houve e há inúmeros dispositivos característicos da imigração japonesa para o Brasil que atestam uma intensa vontade de manutenção da cultura pré-migratória (SAKURAI, 1999; LESSER, 2000; SILVA, 2008; KEBBE, 2011), como as associações japonesas, *nihonjinkai* (DAS CINZAS..., 2004) e as escolas japonesas, *nihongakkō*. Eles atuaram – e em certa medida ainda atuam – para a permanência de símbolos afeitos à “cultura japonesa” perceptíveis até mesmo por não descendentes, devido às infinitas construções de estereótipos referentes ao japonês (ADACHI, 2004). Lesser (2000) aponta a importância histórica dos jornais redigidos pela e para a comunidade *nikkei* desde 1916 enquanto como outro desses dispositivos:

O *Shukan Nambei* (Semanário Sul-Americano), fundado em janeiro de 1916, foi o primeiro de três jornais publicados para 80% a 90% de todos os japoneses e nipobrasileiros vivendo em áreas rurais. O *Nippak Shinbun*

(Notícias Nipo-Brasileiras), fundado seis meses mais tarde, tinha sua sede no bairro da Liberdade, em São Paulo, e, por volta de 1920, era publicado três vezes por semana, afirmando ter uma tiragem de trinta mil exemplares. (LESSER, 2000, p. 167).

Tais jornais seriam os primeiros meios de divulgação de uma etnia hifenizada “nipo-brasileira”, por possuírem uma pauta editorial que conjugava notícias e matérias sobre um Japão idealizado e sobre o Brasil (LESSER, 2000). Graças à compilação de notícias e matérias dos jornais locais, seleção de notícias sobre ambos os países, já se demarcava entre produtores e leitores uma identificação com um grupo idealizado, uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1989; HALL, 1999; HOBBSBAWM; LINGER, 2003; RANGER, 1983) localizada *entre* os dois países.

Desde 1929 o *Nippak Shinbun* possuía notícias em português para a parcela de leitores descendentes dos primeiros imigrantes, e até hoje essas publicações estão presentes nas bancas. Ainda possuem pautas editoriais voltadas aos dois países, com destaque para o *Jornal Nippo-Brasil* (ou *Nippo-Burajiru Shinbun*, como diz seu encarte em japonês e atualmente sua versão nipônica *on-line*) e a revista *Made In Japan*. São *publicações transnacionais* (KEBBE, 2011; SILVA, 2008) contemporâneas que, evidentemente, acrescentam outros tons à percepção de Lesser (2000), uma vez que, dada a emigração para o Japão de descendentes de japoneses nascidos no Brasil – o “fenômeno *dekassegui*” de meados da década de 80 do século passado – e a expansão da comunidade de brasileiros vivendo em solo nipônico atualmente, essas publicações já são – através de canais diferenciados – veiculadas em ambos os países simultaneamente.

3 *Jornal Nippo-Brasil e revista Made In Japan*

Com o aumento exponencial de brasileiros entrando no Japão para suprir a demanda de mão de obra das indústrias japonesas em meados da década de 80, e até os dias de hoje, com o conhecido “fenômeno *dekassegui*”,⁴ surgiu desse fluxo transnacional a necessidade, entre os descendentes de japoneses vivendo no Brasil, de conhecer as novas características do Japão moderno, já muito distante da visão idealizada da Terra no Sol Nascente transmitida no Brasil pela vivência em colônia.

Justificar-se-ia assim a iniciativa de Yoshio Muranaga de criar uma publicação jornalística capaz de atender esses novos anseios da comunidade *nikkei*. Fundou em 1992 o jornal *Notícias do Japão*, com o objetivo de servir de ponte entre os migrantes *dekasseguis* no Japão e seus parentes e amigos da comunidade aqui no Brasil, e chama-se atualmente *Jornal Nippo-Brasil*. Sua meta de integração é observada em sua pauta editorial, que concilia as temáticas do antigo *Notícias do Japão* – como fazer a “ponte” entre Brasil e Japão nos dias de hoje para a comunidade *nikkei* em ambos os países – com as várias matérias e notícias sobre tópicos ligados à “cultura japonesa” para a comunidade *nikkei* e também para não descendentes.

Dada a sua representatividade na comunidade *nikkei* dos dias de hoje, foi realizado também um acompanhamento da revista *Made In Japan*, publicação no formato de revista mensal (o que a coloca também em competição com outras

⁴ Temos conhecimento do retorno intenso desses trabalhadores para o Brasil após a crise econômica e financeira que ainda grassa no Japão. O retorno e os rearranjos entre *dekasseguis* propiciados pela crise são atualmente objetos de investigação de ambos os autores.

publicações do mesmo formato que não os jornais apenas) conhecida por seu amplo público leitor e sua capacidade de circulação tanto no Brasil como no Japão. Essa revista, “grças a modernos sistemas de distribuição, é entregue nas bancas no mesmo dia em São Paulo e Tóquio” (MADE IN JAPAN apud SILVA, 2008, p. 56).

A análise da revista *Made In Japan* está fortemente atrelada à própria história da editora JBC, que a publica desde sua fundação. Assim como o *Notícias do Japão*, a editora é preocupada em servir como “ponte” entre Brasil e Japão para a comunidade *nikkei*. Para atingir esse objetivo, criou o *Jornal Tudo Bem* e a *Revista Gambare!*, cuja meta seria publicar notícias em português para esses *dekasseguis* e “diminuir a distância entre os dois países” (JORNAL TUDO BEM apud SILVA, 2008, p. 58), frase que virou *slogan* principal da editora até os dias de hoje.

Num primeiro momento, a *Made In Japan* foi publicada com redação no Japão para mostrar aos leitores no Brasil um pouco do choque cultural e, como dito pela antiga responsável pelas Relações Públicas da editora JBC, Elisa Polônio, para mostrar um pouco do “exotismo” da “cultura japonesa”, tão avessa à brasileira. Essas questões evidentemente passam pelas discussões de Said (1990) quanto à visão do Ocidente sobre o Oriente, rapidamente colocando a revista como veículo da “cultura japonesa” nos seus primeiros anos de publicação.⁵ Num segundo momento, a revista tem a sua redação deslocada para São Paulo, e nesse deslocamento é obrigada a se voltar também para as discussões acerca da comunidade *nikkei* no Brasil, ganhando assim representatividade pelas esferas oficiais, por representar a comunidade em suas páginas.

⁵ Para processos de exotização, ver Machado (2010).

Dada a nova localização da redação e sua representatividade dentro da comunidade *nikkei*, evidentemente que o foco da revista nos dias de hoje assume outras características, visando também “aproximar” o Brasil do Japão, ou mesmo “diminuir distâncias” (expressões presentes nos portfólios da editora e da revista), trazendo aspectos que perpassam toda a vida cotidiana no Japão e na comunidade *nikkei* no Brasil, com matérias sobre culinária, cultura, literatura, eventos, música japonesa, J-Pop, história da imigração, moda, colunas sociais, dentre outras.

4 “Cultura japonesa” e “identidade nipo-brasileira” nas manchetes

Diante da leitura de 19 edições mensais da revista *Made In Japan* e mais de cem edições semanais do *Jornal Nippo-Brasil*, a primeira questão imposta à pesquisa foi acerca da metodologia utilizada e das maneiras de se criar um recorte de análise. Nesse sentido, como abordar e compreender uma “identidade nipo-brasileira” através das páginas do *Jornal Nippo-Brasil* ou da revista *Made In Japan*, todas repletas de símbolos e signos culturais valorizados pela comunidade *nikkei*?

Como tema recorrente em todas as edições analisadas antes mesmo da sua comemoração, o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil oferecia à primeira vista uma indagação bastante pertinente, intensamente atrelada à própria percepção da comunidade *nikkei* acerca de suas identidades. Afinal, sabendo das inúmeras festividades, como festivais *matsuri*, *bon odori* etc. realizadas todos os anos em diversos pontos do Brasil pela comunidade *nikkei*, por que a atenção minuciosa à comemoração dos cem anos da imigração?

De acordo com a presidente do *Jornal Nippo-Brasil*, senhora Suzana Muranaga Bartels, e seu editor-chefe, Helder Horikawa, e também segundo a antiga responsável por Relações Públicas da revista *Made In Japan*, Elisa Polônio, e os jornalistas César Hirasaki e Ademar Abiko Jr., o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, da maneira como estava sendo observado pela imprensa, além de ser um marco na história da imigração japonesa para o país e para a história das relações Brasil-Japão, teria uma capacidade singular de reaproximar os dois países.

Para esses jornalistas, o Centenário estaria obrigando o Brasil e o Japão a se olharem novamente e de maneira nunca antes feita. Isso foi observável até mesmo no esforço imediato das esferas oficiais em estabelecer órgãos especializados nos governos de ambos os países para as comemorações desse evento:

Governo cria comissão para cem anos em 2008
Agora é oficial. Depois de alguns encontros esporádicos e informais nos últimos dois anos, em reunião com lideranças nipo-brasileiras em São Paulo, no dia 19 de abril, o governo brasileiro lançou a proposta para a criação da Comissão Nacional da Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, em 2008. A coordenação desse grupo de trabalho está a cargo do Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), sob a régia do ministro Celso Amorim [...]. 'No entendimento do governo, o Centenário não é simplesmente o aniversário da imigração. É algo mais profundo, que envolve dois países irmãos e dois povos que, apesar de suas diferenças, interagem muito bem. Por isso, temos várias reuniões em curso com nossos ministérios para que 2008 seja marcante em todos os aspectos', disse [Luiz] Gushiken. (JORNAL NIPPO-BRASIL, 2006, p. 357).

Rumo ao centenário

Japão cria comissão nacional para festas de 2008
Assim como o Brasil, o Japão também já tem a sua comissão nacional para as comemorações do centenário da imigração japonesa [...]. O grupo irá coordenar o intercâmbio das atividades desenvolvidas em comemoração do centenário, determinar o logotipo comemorativo a ser adotado no Japão, divulgar as datas e os tipos de comemorações, além de manter contato com a comissão nacional brasileira. Segundo informações do próprio comitê, os projetos envolvem ainda a aceleração do intercâmbio em assuntos econômicos, sociais, científicos, esportivos e turísticos, além de esforços na melhoria da comunicação entre as partes. (JORNAL NIPPO-BRASIL, 2006, p. 398).

A presença do Centenário nas pautas editoriais de ambas as publicações rapidamente ganha visibilidade, com seções que passariam a ser destinadas exclusivamente às notícias do Centenário, como a coluna “Rumo ao Centenário”, do *Jornal Nippo-Brasil*, e a seção de “História da Imigração Japonesa”, da revista *Made In Japan*, mostrando não apenas notícias relevantes aos preparativos, como também uma rememoração constante da vinda do navio Kasato Maru e da experiência de vida dos primeiros imigrantes. Pretendia-se explicar em que sentido “contribuíram” para a formação da sociedade brasileira contemporânea, expressão amplamente difundida nesses meios nos anos 2007 e 2008, em notícias, matérias e propagandas.

É possível encarar o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil como um meio de acessarmos algumas das “representações” da comunidade *nikkei*, uma vez que esse evento se apresenta enquanto um interstício social ou “situação social” (FELDMAN-BIANCO, 1987) que revela a estrutura social, ou

sistema social, em estudo. A ideia é bastante próxima do drama social turneriano (TURNER, 1974, 1996), que permitiria compreender o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil como um momento particular que traz à tona a estrutura social em questão, juntamente com seus ditames, contradições e dilemas morais que estão, à primeira vista, ocultos aos olhos do pesquisador (SILVA, 2008).

5 A construção da narrativa mítica: do Kasato Maru aos dias de hoje

Em consonância com as comemorações do Centenário, desde janeiro de 2007, a revista *Made In Japan* iniciou, na edição número 112, uma seção específica sobre História da Imigração Japonesa e o Centenário da Imigração. O conteúdo pauta-se por reportagens extensas, com fotos, relatos, dados estatísticos etc., sobre a vinda desses primeiros imigrantes ao Brasil e todo o seu caminho e de seus descendentes em busca de uma nova vida. A seção foi sugerida pelo jornalista César Hirasaki e pelo editor-chefe Johnny Arai como forma de atender a essa demanda da própria comunidade *nikkei*, leitora da revista.

Para muitos desses leitores que, como já observado pela literatura consolidada, puderam ascender socialmente dentro da sociedade brasileira conquistando posições de destaque, o seu sentimento de pertencimento à comunidade *nikkei* em grande parte passaria pelo esforço dos seus pais e avós dentro do torvelinho dessa história de imigração. Esse esforço denotaria, para muitos, uma trajetória de vida comum ou bastante próxima, evidenciando não só a transmissão

de determinados valores morais, como também o acesso à educação, à universidade.

Havendo em cada edição da *Made In Japan*, a partir do número 112, um “capítulo” narrando a história da imigração japonesa por etapas, percebe-se a alusão a uma trajetória bastante particular que narraria de certa forma a consolidação da comunidade *nikkei* no país. É importante destacar que essa ideia de trajetória e de uma percepção positiva da comunidade *nikkei* já vem sendo observada pela própria literatura acadêmica (TSUDA, 2000, 2003a, 2003b), percepção compartilhada tanto por descendentes ou não descendentes de japoneses no Brasil. Se tomamos como pressuposto a ideia de que os meios de comunicação, em especial os “étnicos”, são reflexivos (ZANINI, 2005), podemos identificar na leitura da *Made In Japan* e do *Jornal Nippo-Brasil* alguns reflexos dessa percepção positiva de modo amplo. Porém, destacamos, trata-se de uma percepção positiva que não se limita aos discursos da comunidade *nikkei*. Apenas para apontar como essa percepção positiva da comunidade *nikkei* no Brasil (TSUDA, 2000, 2003a, 2003b) transpassa a própria comunidade em questão, gostaria de apontar como exemplo uma edição especial da *Revista da Indústria* (2008), que também destaca o sucesso da imigração japonesa no Brasil através de entrevistas com imigrantes e descendentes bem-sucedidos nos negócios.

Essa trajetória seria marcada por obstáculos, descontentamentos e muita “perseverança”,⁶ “honra”, “força” e “orgulho”, como podemos observar nos depoimentos de três imigrantes japoneses ao rememorarem o trajeto de trem que fizeram décadas atrás quando chegaram ao Brasil,

⁶ Categorias narrativas observadas na *Made In Japan*, ano 10, n. 117, jun. 2007.

apresentados na edição nº 130 da revista *Made In Japan*, referente à visita do Príncipe Naruhito ao país:

PRIMEIRO CHOQUE

Estou emocionado, com muita saudade da época da chegada. Minha família desembarcou no Porto de Santos na manhã do dia 23 de abril de 1934, depois de 62 dias de viagem a bordo do navio Hawaii Maru. Eu tinha 14 anos e não pensava muito no futuro, nas despedidas, só na jornada. Nós pegamos as malas e entramos no trem, com destino a Mogiana. Lembro-me bem que, enquanto subíamos a serra, estávamos com muita fome, e a fazenda havia enviado sanduíches de mortadela para a viagem. Eu comi e achei gostoso, mas a maioria não teve coragem de morder. Meu pai e minha mãe, por exemplo, tiraram a mortadela e comeram só o pão. Na fazenda, porém, já havia uma família japonesa, que cozinhava para a gente. Foi lá que comemos mandioca e carne de porco pela primeira vez. *Katsuhiro Takahara, 88 anos, nascido em Kyoto.*

SONHO REALIZADO

Criei raízes e me realizei aqui no Brasil. Não moraria novamente no Japão. Tenho seis netos, três deles *formados*; os outros estão estudando. Entretanto, minha família passou por grandes dificuldades no começo. Ainda na viagem de vinda, a bordo do navio Buenos Aires Maru, que durou 46 dias, meu pai ficou doente em decorrência de um tumor na cabeça. Quando desembarcamos no Porto de Santos, em 28 de novembro de 1936, ele, que faleceria em dezembro, teve de descer carregado numa maca. Embarcamos no trem preocupados. Era um trem a lenha, não podíamos abrir as janelas senão o calor queimava as roupas. Eu tinha seis anos e nem imaginava qual era o destino do trem. No Japão, o governo fazia propaganda, dizia que o Brasil era o paraíso. Quando chegamos, percebemos que não era assim. Mas superamos as dificuldades, e estar aqui, hoje, é certeza do sonho realizado. *Yoshie Sugimoto, 82 anos, nascida em Shizuoka*

LÁGRIMAS DE SAUDADE

Há 75 anos, quando fiz esse trajeto de trem pela primeira vez, a paisagem era diferente do que é hoje. Eu tinha dez anos. Olhava pela janela e só via mato, não tinha gente. Era estranho, porque no Japão estávamos acostumados com campos abertos. Saímos da estação de Santos ao meio-dia e só chegamos em Jundiaí à meia-noite. O trem andava lentamente. Quando era de tardezinha, bateu uma tristeza, minha mãe começou a chorar de saudades. E eu olhando aquela escuridão do mato. Viemos ao Brasil porque meu irmão dentista faleceu. Era para meu irmão fazer faculdade também, mas ficamos sem dinheiro e resolvemos tentar a vida aqui. Hoje, refazendo esta viagem, me sinto feliz. Tenho oito filhos e consegui fazer com que todos estudassem. Conquistei uma vida boa.

Risae Sakamoto, 85 anos, nascido em Akita (MADE IN JAPAN).⁷

A noção de *trajetória* rumo ao que alguns entendem por bem-sucedida comunidade *nikkei* dos dias de hoje também é apontada em duas edições comemorativas da revista *Made In Japan*, consideradas pela Editora JBC como “históricas” e as únicas publicações da editora a serem veiculadas em duas línguas, português e japonês.

A primeira dessas edições⁸, publicada para coincidir com o dia 18 de junho de 2007, possui como destaque na capa os dizeres “100 Anos de Imigração – Os episódios mais marcantes e inesquecíveis da história dos imigrantes japoneses no Brasil”. Esse número deveria contar, através de matérias e relatos, a *trajetória* dos imigrantes japoneses balizadas em seções com os nomes “Esperança”, “Perseverança”, “Honra”,

⁷ Ano 11, n. 130, “Trilhos da Memória”, p. 59, 2007, grifos nossos.

⁸ Ano 10, n. 117, jun. 2007.

“Orgulho”, “Força”, “Esperança” e “Alegria”. Importante notar que há duas seções intituladas esperança: A primeira referente aos imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil no início do século XX, e a segunda para falar dos *dekasseguis*, descendentes de japoneses nascidos no Brasil que partem rumo ao Japão, ou seja, o fluxo migratório transnacional inverso. Vejamos alguns dos seus textos introdutórios:

ESPERANÇA

As 781 primeiras famílias que desembarcaram do navio Kasato Maru no dia 18 de junho de 1908, no porto de Santos, deram início à imigração japonesa ao Brasil. Elas são o símbolo de uma grandiosa aventura de coragem e superação que está prestes a completar 100 anos [...]. Mesmo depois de uma ádua viagem de 52 dias, suas almas estavam inundadas por um incrível desejo de vencer em uma terra desconhecida [...]. Mesmo tendo conhecido a dor, a tragédia e o sofrimento, os japoneses demonstraram uma perseverança que somente os guerreiros são capazes de ter. A determinação destes desbravadores foi fundamental para que as dificuldades quase intransponíveis fossem vencidas. Fez com que a esperança renascesse no coração dos imigrantes, que voltaram a acreditar que conseguiriam, finalmente, alcançar seus sonhos nesta terra tão distante e diferente.

PERSEVERANÇA

Ao deixar para trás a frustração nas lavouras de café, os imigrantes também começaram a abandonar o sonho de enriquecer rapidamente [...]. Por mais empecilhos que já tivessem enfrentado, estavam sempre preparados para desafios ainda mais ameaçadores. Com espírito guerreiro, os imigrantes lançaram-se rumo ao interior do Brasil. Tarefa heróica que custou mais de uma centena de vidas levadas pelas doenças e pela seca [...]. A vitória da perseverança, mesmo quando as forças contrárias pareciam indestrutíveis, é mais uma lição que seus descendentes carregam até hoje.

HONRA

O mundo estava dividido. Aliados contra o Eixo. Norte-americanos contra japoneses. A Segunda Guerra, o conflito mais sangüinário e violento da história da humanidade abria suas feridas em todos os continentes [...]. Com o fim da guerra, a comunidade japonesa no Brasil sofreu sua maior ruptura (...). Surgia a Shindo Renmei e seu grupo de execução, os 'tokkotai' [...]. Estava aberta a maior ferida na colônia, que demoraria muitos anos para cicatrizar. Apesar do sofrimento, o fim da guerra trouxe uma definição essencial aos imigrantes: agora teriam que fincar raízes em solo brasileiro. Mais uma vez, encontraram forças para se reerguer e seguir em frente.

ORGULHO

Finalmente era possível exibir, com orgulho, um sorriso no rosto. Depois de enfrentar a frustração dos primeiros anos nas fazendas, a luta inglória contra doenças e pestes nos núcleos de colônia, o preconceito e a divisão interna na Segunda Guerra, enfim, os japoneses conheciam a prosperidade [...]. Para completar a ascensão social, só faltava mais um passo: ingressar os filhos e netos numa universidade. E isso aconteceu a partir dos anos 60 e 70. Os descendentes não mais precisariam calejar as mãos no trabalho nas lavouras e poderiam seguir profissões como medicina e engenharia. Quando o então casal de príncipes Akihito e Mitiko visitou pela primeira vez o Brasil em 1967, os japoneses já podiam dizer com dignidade: 'nós vencemos as dificuldades'. (MADE IN JAPAN).⁹

Podemos ver, por esses trechos, a percepção valorizada da trajetória dos primeiros imigrantes japoneses chegados ao Brasil, com algumas noções modificadas do princípio do *nihonjinron*, que brevemente pode ser entendido como o conjunto de teorias e discursos japoneses do início do século XX

⁹ Ano 10, n. 117, p. 11-46, jun. 2007, grifos nossos.

que pregavam o princípio do “povo japonês” como homogêneo, coeso e exclusivo (BEFU, 1993; LINGER, 2003; SASAKI, 2009). Tais noções transpassaram fronteiras nacionais e no Brasil ganharam tons e nuances próprias.

Para essas “mídias japonesas”, essa *trajetória* constituiria uma das principais características fundadoras de uma identidade para a comunidade *nikkei* no país dos dias de hoje, questão próxima da verificada entre os descendentes de italianos por Zanini (2005) e também por Tsuda (2000, 2003a, 2003b) em relação aos descendentes de japoneses nascidos no Brasil. Esse último autor afirma que um dos marcos de uma “identidade nipo-brasileira”, ou uma japonesidade, é a percepção favorável desses descendentes quanto ao Japão moderno e as “qualidades” deixadas pelos primeiros imigrantes, que confeririam assim a marca do “japonês” no Brasil (ADACHI, 2004).

A ideia de *trajetória* na *Made In Japan* se encerraria na edição lançada em junho de 2008, com os dizeres “100 Anos Depois – Como a cultura japonesa transformou o Brasil e os brasileiros” (MADE IN JAPAN)¹⁰ estampados em destaque na capa. Encerrava-se assim o ciclo de suas matérias especiais destinadas ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, novamente uma “edição histórica” e publicada em português e japonês, com ampla vendagem no Festival do Japão de 2008 em São Paulo.

Nessa edição, o foco seria a divulgação dos símbolos e itens da “cultura japonesa” que estão presentes no cotidiano brasileiro, como a culinária, a tecnologia, as artes marciais, o mangá, o anime etc. É importante observar que nessa edição

¹⁰ Ano 11, n. 129, 2008.

da *Made In Japan* existem, logo no início, seis páginas dedicadas a uma longa cronologia/linha do tempo representando as relações Brasil-Japão até os dias de hoje, culminando, evidentemente, no centenário.

6 O mito do retorno: o fenômeno *dekassegui*

As relações entre Brasil e Japão ganhariam, nos anos de 1980, novos tons com o chamado “fenômeno *dekassegui*”, a viagem dos descendentes de japoneses nascidos no Brasil para trabalharem nas indústrias japonesas.

Por conta da recessão econômica japonesa, e a subsequentemente necessidade de mão de obra, o governo japonês abriria suas portas à imigração de trabalhadores para ocuparem nas indústrias os cargos conhecidos como 3K, *kitanai*, *kiken* e *kitsui*, sujo, difícil e perigoso (OLIVEIRA, 1997, 1999). Tal processo teve início em meados dos anos 80, quando foram selecionados através de dispositivos legais os *nikkei*, descendentes de japoneses nascidos fora do Japão: como a constituição japonesa confere nacionalidade japonesa através do sangue (*jus sanguinis*), os *nikkei* seriam incorporados de maneira menos problemática à sociedade japonesa do que outros imigrantes (TSUDA, 2000, 2003a, 2003b).

Essa abertura à imigração, frente à recessão econômica brasileira na década de 80, ofereceria à comunidade *nikkei* no Brasil uma oportunidade para conseguir melhores condições de vida que aqui não eram possíveis (KAWAMURA, 2003, LESSER, 2000; OLIVEIRA, 1997, 1999; SASAKI, 1999, 2006), além de representar um momento único, tratado por muitos como um “retorno” às origens (LESSER, 2000;

LINGER 2001, 2003) ou à terra dos seus “ancestrais”. Nesse sentido, percebemos através de dados estatísticos uma explosão, a partir de 1988, da emissão de vistos para o Japão. A esse fluxo migratório foi atribuindo o nome de “fenômeno *dekassegui*”, que pode ser verificado na tabela a seguir:

Tabela 1 – Vistos concedidos pelo Consulado Geral do Japão em São Paulo entre 1983 e 1993

Ano	Vistos	Projeção para o Brasil ^(a)
1983	3.811	5.445
1984	4.311	6.159
1985	6.553	9.361
1986	6.639	9.484
1987	5.842	8.346
1988	8.602	12.189
1989	18.328	26.183
1990	48.189	68.841
1991	61.500	87.858
1992	41.828	59.754
1993	26.603 ^(b)	38.004 ^(b)

Fonte: Oliveira (1997, p. 71).

(a) Projeção feita por Yoshioka (1995)

(b) Até o mês de setembro de 1993.

Reconhecido pelo governo japonês através da reforma, em 1990, da Lei de Controle da Imigração de 1951, o “fenômeno *dekassegui*” seria o único fluxo migratório transnacional legalizado pelo Estado receptor, constituído inicialmente pela migração dos *issei* e *nissei*, primeira e segunda geração, respectivamente, e posteriormente dos *sansei* e dos *yonsei*, descendentes de terceira e quarta geração (OLIVEIRA, 1997, 1999). Podemos observar no início do fluxo (começo da década de 90) a presença de pessoas com alto nível de escolarização no Brasil e que aqui não encontravam alternativas favoráveis.

Tabela 2 - Escolaridade dos pretendentes e dos que têm experiências de *dekassegui* (1992)

	Experientes		Pretendentes	Porcentagem
	Não desejam voltar	Desejam voltar		
Sem instrução	0	3,8	4,1	2,9
1º grau incompleto	6,7	3,8	8,2	6,7
1º grau completo	13,3	15,4	8,2	11,4
2º grau incompleto	0	11,5	10,2	7,6
2º grau completo	36,7	38,5	32,7	35,2
Curso superior incompleto	20,0	7,7	16,3	15,2
Curso superior completo	23,3	19,2	20,4	21,0
	100,0	99,9	100,0	100,0

Fonte: Mori (1992, p. 155).

Para Higuchi e Tanno (2003), as agências de mediação e contratação de brasileiros teriam grande peso no crescimento e subsequente estabilidade do “fenômeno *dekassegui*” – empresas que não fizeram parte do primeiro fluxo de contratação de *Nikkei*. Novas redes de recrutamento (KAWAMURA, 2003) em expansão a partir da década de 1990 se constituíam como amplo setor de serviços capazes de mediar e contratar brasileiros para as indústrias japonesas (KAWAMURA, 2003), num sistema denominado “*mediated-market*” (HIGUCHI; TANNO, 2003). O setor varia, há desde pequenas empresas de contratação, conhecidas como empreiteiras, ou *buroka* (KAWAMURA, 2003), até agências governamentais, sem descartar a importância das redes informais e dos laços familiares (KAWAMURA, 2003).

Como profetizado pelo cônsul geral do Japão em São Paulo, Yasuji Ishigaki (ISHIGAKI, 1992), o “fenômeno *dekassegui*” impactaria diretamente a comunidade *nikkei* de maneira

sem precedentes. Com esse fluxo migratório legalizado e estabilizado, os brasileiros trabalhando no Japão perfaziam em 2008 um número de 312.979 pessoas (YAMAMOTO, 2008), sendo a terceira maior “comunidade *nikkei*” de trabalhadores, perdendo apenas para os coreanos e chineses.

Tais trabalhadores ganhavam (MADE IN JAPAN)¹¹ de R\$4.000,00 a R\$6.000,00, dependendo muito da sua carga de trabalho diária, que pode ser *Hirokin* (8 horas de trabalho durante o dia) ou *Yakin* (8 horas de trabalho durante a noite), mais as horas-extras, *Zangyo Hirokin* (para o período diurno) e *Zangyo Yakin* (para o período noturno). Esse retorno financeiro é capaz de permitir aos trabalhadores o acesso a inúmeros bens materiais antes indisponíveis no Brasil, como equipamentos eletrônicos de alta tecnologia.

Por terem seus salários contabilizados por iene/hora, muitos dos *dekasseguis* (inclusive aqueles em *Arubaito*, viagem ao Japão por poucos meses como intercâmbio, bastante praticada pelos jovens para conhecerem a Terra do Sol Nascente) trabalham praticamente 12 horas por dia, restando-lhes pouco tempo do dia para viajar, para lazer etc. Mesmo assim, gozando de uma qualidade de vida superior quanto a segurança pública, educação, serviços públicos, alimentação, alguns já não desejam retornar ao Brasil.¹²

Na primeira edição especial da revista *Made In Japan* de comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil (MADE IN JAPAN, 2007), os *dekasseguis* não passam por fora da impressão de *trajetória* que nos é mostrada por

¹¹ Dado observado na matéria “Rumo ao Japão” (ano 10, n. 110, 2006), com uma média aproximada e descartando algumas modalidades de hora-extra.

¹² Os pesquisadores já estão debruçados para a situação *dekassegui* pós-crise econômica.

toda a edição. São tratados em determinado momento como pertencentes ao “ciclo histórico da imigração japonesa” no Brasil. No entanto, percebe-se que a *trajetória* dos *dekasseguis* não passa pela *trajetória* de sucesso: é outra, em aberto, a continuar.

A noção desse *continuum* temporal é evidenciada nas entrevistas com duas pessoas, a senhora Iawe Tamura, nascida no Japão e vinda ao Brasil ainda pequena, e seu bisneto Caio Alves Tamura, nascido no Brasil e residente atualmente no Japão, ainda bastante pequeno. As entrevistas, dispostas lado a lado numa seção intitulada “Esperança”, têm como chamada os dizeres: “As vidas de Iwae Tamura, 90 anos, e de seu bisneto Caio, 10 anos, *simbolizam o ciclo histórico da imigração japonesa*. Ela veio ao Brasil em 1934 com a família. Ele fez a viagem inversa. Mudou-se recentemente com o pai para o Japão.” (MADE IN JAPAN).¹³

Para essa leitura possível de uma *trajetória* presente nos 100 anos da imigração japonesa, na edição esse prosseguimento linear é marcado pelo nome da seção dedicada aos *dekasseguis*: “Esperança”, repetindo o nome da primeira seção da edição. Nesse sentido, se na primeira seção os primeiros imigrantes japoneses vieram ao país como *dekasseguis* com a *esperança* de uma vida melhor, na ideia de *trajetória*, a comunidade “retorna” ao Japão com o mesmo intuito, talhado de sofrimento e perseverança:

ESPERANÇA
Hoje, 300 mil brasileiros vivem no Japão. Que eles se inspirem nos exemplos de esforço e bravura de seus antepassados para ter uma vida melhor

¹³ Ano 10, n. 117, p. 87, grifos nossos.

O movimento *dekassegui* é o capítulo mais recente da história da imigração japonesa no Brasil. É um reencontro que os descendentes tiveram com suas próprias raízes. É um recomeço. Assim como os primeiros imigrantes, os *dekasseguis* carregavam a bagagem cheia de esperança. De vencer, de reconquistar a dignidade, de ter uma vida melhor.

Partiram, entre o final dos anos 80 e início dos 90, rumo à uma terra desconhecida, existente só nas lembranças de infância de seus pais e avós. Nada do Japão moderno, a segunda economia do mundo. A viagem até o aeroporto de Narita, em Tokyo, durava pouco menos de 24 horas, bem menos que os 52 dias que os primeiros imigrantes enfrentaram na travessia dos navios a vapor há quase cem anos. Mesmo assim, o choque cultural não deixou de ser gigantesco, abrindo feridas que ardem até agora. A cansativa rotina nas fábricas também calejava as mãos e o espírito, como as colheitas de café e algodão do passado.

Mas não foi preciso esperar uma geração inteira para a comunidade nipo-brasileira viver uma nova realidade. Os salários já não são mais aquela fortuna de 20 anos atrás, mas com perseverança, os brasileiros começaram a conquistar até cargos de chefia dentro das fábricas. E seus filhos têm a oportunidade de nascer, crescer e estudar em solo japonês, tanto em escolas brasileiras como japonesas. Atualmente, os *nikkeis* podem aprender o que há de melhor nas duas culturas e ainda escolher entre a vida no Brasil ou no Japão, ou, por que não, viver entre um país e outro. (MADE IN JAPAN).¹⁴

Se pensarmos no discurso de uma *trajetória* e na percepção positiva da comunidade *nikkei* que vem sendo observada pela literatura (TSUDA, 2000, 2003a, 2003b) e que, dado o Centenário da Imigração Japonesa, vem sendo

¹⁴ Ano 10, n. 117, p. 75, grifos nossos.

difundida e reproduzida em larga escala nos mais variados meios, colocamo-nos diante de um paradoxo. Dentro da ideia de uma *trajetória* que ilustra o sucesso da imigração japonesa no Brasil, o "fenômeno *dekassegui*", por outro lado, nos mostra uma contradição no próprio discurso do sucesso, indicando talvez até mesmo o insucesso da imigração japonesa no Brasil, uma vez que muitos dos descendentes membros dessa comunidade *nikkei* no Brasil não puderam obter alternativas favoráveis no próprio país.

Se alguns membros da comunidade *nikkei* no país puderam galgar degraus na escada da mobilidade social graças a várias características, como o incentivo à educação (tão bem representado no depoimento de Risae Sakamoto e trechos mostrados anteriormente), com o fenômeno dos *dekasseguis*, no entanto, vemos os filhos e netos desses descendentes que não conseguiram melhores condições no Brasil. Mesmo diante das esfuziantes comemorações do Centenário da Imigração Japonesa que veiculam à exaustão o sucesso deste grupo migrante em território brasileiro, o lugar do fenômeno *dekassegui* aparece como uma espécie de problema ontológico. Os *dekasseguis* são sinal de que o sucesso econômico não foi assim tão característico dessa população, contrariando parte essencial de discursos identitários baseados nessa perspectiva. Como alternativa para lidar com essa contradição, a noção nativa de *trajetória* canibaliza a percepção, jogando para um futuro a realização, entre os *dekasseguis*, do mesmo sucesso realizado por seus ascendentes em terra brasileira. O curioso desse mecanismo é que a noção de *trajetória* acaba por separar *nikkeis* no Brasil de *dekasseguis* no Japão. Isso confirma uma incapacidade de relacionar as duas movimentações como parte de um mesmo processo: japoneses no Brasil e *dekasseguis* no Japão aparecem como irremediavelmente diferentes.

Percebemos então que temos em jogo uma relação bastante complexa entre ao menos duas historicidades diferentes (SILVA, 2008; KEBBE, 2011), uma construída ao longo desses 100 anos de imigração japonesa no Brasil, e outra que acabou de começar: duas historicidades em muitos pontos desconexas e cujas relações ainda merecem ser mais bem exploradas. Sem estarem na *trajetória* do sucesso, os *dekasseguis*, portanto, partem em busca de uma nova *trajetória*.

Se o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, como uma *tradição inventada* (HOBSBAWM; RANGER, 1983), necessita da criação e veiculação de uma narrativa ou uma sucessão de pontos positivos erigidos nos 100 anos de imigração, com o objetivo de fixar ou consolidar a data enquanto marco histórico e representativo da comunidade *nikkei* e para a sociedade brasileira, vemos que nessa narrativa mítica que denota o sucesso da imigração, os *dekasseguis* ficaram de fora.

7 Considerações finais: discurso do sucesso vs. *dekasseguis*

À guisa de conclusão, podemos observar que no Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, comemorado em 2008, ficou evidenciado mais uma vez – e talvez de forma mais ampla – um discurso do sucesso da imigração japonesa no país, uma vez que ele evoca para a sua própria constituição enquanto marco histórico um discurso ou uma narrativa idealizada e, por que não, mítica.

Na visão positiva da imigração japonesa vemos a exaltação por, parte da imprensa, da história dos primeiros imigrantes japoneses que chegaram ao país e aqui construíram “a

duras penas” uma comunidade *nikkei* que em muito contribui para a formação do tecido social brasileiro contemporâneo, impressões evidentemente atreladas ao sucesso econômico-financeiro e social por parte de alguns desses imigrantes e seus descendentes – o que já não corresponde, evidentemente, a toda comunidade *nikkei*.

Vemos a ideia de um *continuum* linear denotando essa trajetória em duas edições especiais da revista *Made In Japan*. Até em suas manchetes de capa (“100 anos de Imigração”, “100 anos depois”)¹⁵ transmite-se a sensação de um percurso que demorou 100 anos para mostrar à comunidade *Nikkei* e aos não descendentes um caminho cheio de obstáculos, os quais, porém, ajudaram a contribuir com a sociedade brasileira de maneira positiva, visão já percebida por Tsuda (2000, 2003a, 2003b) quanto à percepção positiva da comunidade *nikkei* no país.

A edição número 112, no entanto, ao começar sua matéria pelas seções “Esperança” e, depois de mostrada toda a trajetória, terminar com outra seção sobre *dekasseguis* também intitulada “Esperança”, mostra-nos que nesses 100 anos, longe do fechamento de um ciclo, temos uma incompletude, visível nas entrevistas da imigrante japonesa Iwae Tamura e de seu bisneto brasileiro, Caio Alves Tamura, que hoje mora com o pai no Japão.

Tal incompletude revela, talvez, uma contradição ao próprio discurso do sucesso da imigração japonesa no Brasil: mesmo com o esforço da comunidade *nikkei* em ascender e

¹⁵ Como se neste período de um ano entre as duas edições a revista pudesse ter mostrado os principais momentos da comunidade *nikkei* em seus capítulos sobre a história da imigração.

ter efetivamente conquistado pontos de destaque na sociedade brasileira, o “fenômeno *dekassegui*” se apresenta como um separador de águas entre aqueles que *fizeram* parte do sucesso da imigração e aqueles que *fazem* parte do insucesso. Nesse sentido, diante do discurso que se assemelha a uma narrativa mítica de sucesso, os *dekasseguis* travam o discurso mítico de *trajetória* da comunidade *nikkei* no Brasil, uma vez que aqui não puderam se estabelecer como participantes efetivos deste sucesso. Pelos melhores anseios da comunidade *nikkei*, espera-se agora que eles, os *dekasseguis*, possam então construir as suas próprias narrativas, novas *trajetórias*.

Referências

ADACHI, Nobuko. Japonês: a marker of social class or a key term in the discourse of race? **Latin American Perspectives**, v. 31, n. 3, p. 48-76, 2004.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

BEFU, Harumi. Nationalism and Nihonjinron. In: BEFU, Harumi. **Cultural Nationalismo in East Asia**. Berkeley: Institute of East Asian Studies, University of California Press, 1993. p. 107-35

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAS CINZAS brotavam as Associações de Japoneses. **Nippo-Brasil**, ano XI, n. 289, 22-28 set. 2004. Suplemento Zashi.

FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**: Métodos. São Paulo: Global Universitária, 1987.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KAWAMURA, Lili Katsuco. **Para onde vão os brasileiros**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

KEBBE, Victor Hugo. O centenário da imigração japonesa na mídia étnica: a evidência da japonesidade. In: MACHADO, Igor José de Renó (Org.). **Japonesidades multiplicadas**: novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil. São Carlos: Edufscar, 2011.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica**: ética no jornalismo brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2000.

LINGER, Daniel T. **No one home**: Brazilian selves remade in Japan. California: Stanford University Press, 2001.

LINGER, Daniel T. Do Japanese Brazilians Exists? In: LESSER, Jeffrey (Org.). **Searching for home abroad**: Japanese Brazilians and transnationalism. Durham/London: Duke University Press, 2003.

MACHADO, Igor José de Renó. **Cárcere público**: processos de exotização entre migrantes brasileiros no Porto. Lisboa: Editora do ICS, 2010.

MADE IN JAPAN. São Paulo: JBC, 1997-2009. Mensal. [Atualmente, publicação eletrônica disponível em: <<http://madein-japan.uol.com.br/>>.]

MORI, Koichi. Transição dos *dekassegui* provenientes do Brasil e considerações sobre alguns dos problemas. In: NINOMIYA, Masato (Org.). **Dekasegi**: palestras e exposições do Simpósio sobre o Fenômeno Chamado Dekasegi. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

NIPPO-BRASIL. São Paulo: Empresa Jornalística Internacional Press Brasil Ltda., 1999-. Semanal.

OLIVEIRA, Adriana Capuano. **Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão**: a trajetória de uma identidade em um contexto migratório. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

_____. Repensando a Identidade dentro da emigração *dekassegui*. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (Org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.

REVISTA DA INDÚSTRIA. São Paulo: FIESP, ano 8, n. 138, mar. 2008.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SAID, Edward. **O orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAKURAI, Célia. Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941). In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer América**. São Paulo: EDUSP, 1999.

SASAKI, Elisa Massae. Movimento *dekassegui*: a experiência migratória e identidade dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (Org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. A Imigração para o Japão. **Estudos Avançados**, v. 57, n. 20, p. 99-117, 2006.

_____. **Ser ou não ser japonês?** A construção da identidade dos brasileiros descendentes de japoneses no contexto das migrações internacionais do Japão contemporâneo. 2009. Tese (–Doutorado em Ciências Sociais)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SERVA, Leão Pinto. **Babel**: a mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos. São Paulo: Mandarim, 1997.

SILVA, Victor Hugo Martins Kebbe. **Um jornal entre Brasil e Japão**: a construção de uma identidade para “japoneses no Brasil” e “brasileiros no Japão”. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: Ufscar, 2008.

TSUDA, Takeyuki. **Acting Brazilian in Japan**: ethnic resistance among return migrants. *Ethnology*, v. 1, n. 39, p. 39-55, 2000.

_____. **Strangers in the ethnic homeland**: Japanese Brazilian return migration in transnational perspective. New York: Columbia University Press, 2003a.

_____. Homeland-less abroad: transnational liminality, social alienation, and personal malaise. In: LESSER, Jeffrey (Org.). **Searching for home abroad**: Japanese Brazilians and transnationalism. Durham/London: Duke University Press, 2003b.

TURNER, Victor W. **Dramas, fields and metaphors**: symbolic action in human society. Ithaca/London: Cornell University Press, 1974.

_____. **Schism and continuity in an African society**: a study of a Ndembu Village life. Manchester: University of Manchester, 1996.

YOSHIOKA, Reimei. **Por que migramos do e para o Japão**: os exemplos dos bairros das alianças e dos atuais *dekasseguis*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1995.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Assistir, ouvir, ler e narrar: o papel da mídia nas construções identitárias étnicas. *Revista de Antropologia*, v. 2, n. 48, p. 699-736, 2005.